

A TRAGÉDIA DA PEDRA DO REINO:
Mito, Fanatismo e Ressignificação Cultural no Sertão
Nordestino

THE TRAGEDY OF THE KINGDOM'S STONE:
Myth, Fanaticism, and Cultural Re-signification in the
Northeastern Backlands

FRANCISCO HENRIQUE OLIVEIRA MOURA¹

Data em que o trabalho foi recebido: **17/01/2026**

Data em que o trabalho foi aceito: **22/05/2026**

¹ Mestrando em Estudos da Tradução POET/UFC (Universidade Federal do Ceará), e-mail: henrikmoura01@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6022-9534>

A TRAGÉDIA DA PEDRA DO REINO:

Mito, Fanatismo e Ressignificação Cultural no Sertão Nordestino

RESUMO

O presente artigo analisa a trajetória do mito sebastianista desde suas origens em Portugal até sua cristalização no sertão pernambucano, especialmente no município de Belmonte, onde ocorreu, no início do século XIX, um movimento messiânico liderado por João Ferreira. A investigação articula elementos históricos, culturais e literários, evidenciando como o mito de D. Sebastião atravessou fronteiras geográficas e simbólicas, sendo ressignificado pelas práticas religiosas e pela mentalidade coletiva do Nordeste. A partir das contribuições de Pontes, Raymond Williams e Maria Isaura Pereira de Queiroz, demonstra-se como resquícios culturais, crenças populares e narrativas híbridas se atualizam nas manifestações messiânicas sertanejas. O estudo também discute o modo como Ariano Suassuna incorpora esse imaginário em *O Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta* (1971), transformando a tradição sebástica em material literário e simbólico. No romance, elementos históricos, folclóricos e míticos são amalgamados, revelando a permanência, a adaptação e a potência cultural do sebastianismo no Nordeste brasileiro. Assim, o artigo evidencia que o mito, longe de desaparecer, reinventa-se continuamente, constituindo um componente essencial da identidade sertaneja.

Palavras-chave: Sebastianismo. Sertão Nordestino. Pedra do Reino. Residualidade. Ariano Suassuna.

THE TRAGEDY OF THE KINGDOM'S STONE:

Myth, Fanaticism, and Cultural Re-signification in the Northeastern Backlands

ABSTRACT

This article examines the trajectory of the Sebastianist myth from its origins in Portugal to its crystallization in the backlands of Pernambuco, particularly in the town of Belmonte, where a messianic movement emerged in the early nineteenth century under the leadership of João Ferreira. The analysis connects historical, cultural, and literary perspectives to reveal how the myth of King Sebastian crossed geographic and symbolic boundaries and was reinterpreted through the religious practices and collective mentality of Northeastern Brazil. Based on the contributions of Pontes, Raymond Williams, and Maria Isaura Pereira de Queiroz, the study demonstrates how cultural remnants, popular beliefs, and hybrid narratives were reconfigured within local contexts. It also discusses how Ariano Suassuna incorporates this mythological and historical legacy into *Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta* (1971), transforming Sebastianism into a literary and symbolic force. In Suassuna's narrative, historical facts, folklore, and mystical elements blend to reveal the endurance, reinvention, and cultural significance of the myth in the Brazilian Northeast. Thus, the article shows that Sebastianism persists not as a static memory, but as a dynamic cultural element that continues to shape regional identity.

Keywords: Sebastianism. Northeastern Backland. Kingdom's Stone. Residuality. Ariano Suassuna.

INTRODUÇÃO:

No presente artigo abordaremos como o mito sebástico conseguiu romper as barreiras geográficas e culturais saindo de Portugal até chegar no interior de Pernambuco, mais precisamente no município de Belmonte onde durante o início do século XIX aconteceu um movimento messiânico aos moldes de Canudos, movimento esse liderado por João Ferreira. No presente trabalho faremos uma análise literária, histórica e cultural de todos os fatos que aconteceram em Belmonte. O que possibilitou a Ariano Suassuna escrever *O Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta* (1971), uma obra de Ariano Suassuna que mergulha profundamente nas raízes históricas do Brasil, especialmente na região nordestina. Publicado em 1971, o romance está ambientado em um Brasil colonial e pós-colonial, refletindo os desafios e transformações que a sociedade brasileira enfrentou. Suassuna utiliza elementos históricos como a Guerra dos Canudos, a Revolta de Princesa e os acontecimentos da Pedra do Rei misturando fatos com a ficção para criar um panorama complexo e multifacetado da história do interior de Pernambuco.

A ambientação do romance no sertão pernambucano é crucial para entender sua trama e personagens. Suassuna pinta um quadro vívido do sertão, com suas paisagens áridas, tradições culturais e dificuldades econômicas. O autor retrata a vida no sertão com autenticidade, abordando temas como a seca, a pobreza e a resistência do povo nordestino. O sertão não é apenas um cenário, mas sim um personagem em si, moldando e influenciando a vida dos protagonistas.

O romance de Suassuna é uma celebração da cultura nordestina que incorpora elementos do folclore, da música, da dança e da literatura popular, como a literatura de cordel. Suassuna, um dos fundadores do Movimento Armorial², busca valorizar a cultura popular nordestina e integrá-la ao universo literário. O livro está repleto de referências a mitos e lendas locais, festas populares e práticas religiosas, cordel e xilogravura refletindo a rica tapeçaria cultural da região.

O Romance d'A Pedra do Reino (1971), tem uma importância monumental para a literatura nordestina e brasileira. Suassuna eleva a cultura do Nordeste a um patamar universal, mostrando que suas histórias, personagens e tradições têm valor e relevância, oferecendo uma voz autêntica aos sertanejos, colocando suas histórias e desafios no centro da narrativa nacional. Além disso, Suassuna

² O Movimento Armorial, criado por Ariano Suassuna em 1970, propunha unir arte erudita e cultura popular nordestina, integrando literatura de cordel, música, xilogravura e tradições sertanejas em uma estética própria voltada à valorização da identidade cultural brasileiro.

contribui para a preservação e valorização do patrimônio cultural nordestino, inspirando gerações de escritores, artistas e intelectuais a explorar e celebrar suas raízes.

O sebastianismo é um elemento central no romance de Suassuna. Esse mito, originado após o desaparecimento de D. Sebastião na batalha de Alcácer-Quibir³, reflete a esperança de um retorno messiânico que trará redenção e glória. No contexto do romance, o sebastianismo simboliza a busca incessante por uma salvação que nunca chega, um sonho utópico que alimenta as esperanças do povo sertanejo em tempos de adversidade.

A figura de D. Sebastião é reinterpretada e adaptada ao contexto nordestino, misturando-se com as crenças populares e as profecias locais. Suassuna utiliza o sebastianismo para explorar temas como a resistência, a fé e a persistência do povo nordestino. O protagonista, Dom Pedro Dinis Quaderna, personifica esse anseio por uma grandeza perdida, uma restauração gloriosa que nunca se concretiza, refletindo a eterna luta do sertanejo contra as forças opressoras e as adversidades da vida.

Nesse contexto, o presente artigo busca analisar de que maneira o mito sebástico foi ressignificado no sertão nordestino, especialmente no movimento messiânico da Pedra do Reino, e posteriormente incorporado à construção narrativa de *O Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta* (1971), de Ariano Suassuna. Parte-se da hipótese de que o autor utiliza o imaginário sebastianista não apenas como elemento estético ou folclórico, mas como mecanismo de representação simbólica das tensões históricas, sociais e culturais do sertão pernambucano. Assim, o romance transforma acontecimentos históricos e manifestações populares em uma narrativa de resistência cultural e afirmação identitária nordestina. Para demonstrar essa perspectiva, o artigo utiliza uma abordagem bibliográfica, histórico-cultural e literária, articulando estudos sobre messianismo, cultura popular e identidade regional.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA:

A abordagem teórica deste trabalho fundamenta-se na Teoria da Residualidade, proposta por Roberto Pontes, que parte do pressuposto de que a cultura e a literatura são atravessadas por elementos remanescentes de tempos passados, que se perpetuam e se transformam na dinâmica cultural contemporânea. Segundo Pontes (2004), “na cultura e na literatura nada há de original; tudo remanesce; logo, tudo é residual”. Isso significa que práticas, crenças e discursos do passado podem

³ A Batalha de Alcácer-Quibir, ocorrida em 1578 no norte da África, marcou a derrota do exército português e o desaparecimento do rei D. Sebastião, fato que deu origem ao mito sebastianista e à crise sucessória que levou à União Ibérica.

persistir no presente, reconfigurados por meio de novos contextos, mas ainda carregando vestígios de seu tempo de origem. É esse processo de sobrevivência e transformação de conteúdos culturais que permite compreender como o mito sebastianista, nascido em Portugal, cristalizou-se como parte da identidade popular do sertão pernambucano.

Dentro da Teoria da Residualidade, destaca-se o conceito de cristalização, entendido como o momento em que um resíduo cultural deixa de ser apenas uma lembrança passiva do passado e passa a atuar ativamente na construção de novas obras e significados. Pontes (2006, p. 9) define o resíduo como “material que tem vida, porque continua a ser valorizado e vai infundir vida numa obra nova”. A cristalização, portanto, é um movimento de atualização criativa da tradição, que se observa tanto nos episódios históricos ligados ao messianismo no sertão quanto na ficção de Ariano Suassuna.

Além disso, o artigo mobiliza o conceito de hibridização cultural, também discutido por Pontes, para explicar como elementos culturais distintos europeus, coloniais e sertanejos se fundem, transformando o mito de D. Sebastião em uma expressão messiânica tipicamente nordestina. Pontes (2006, p. 6), observa que “as culturas não andam cada qual por um caminho, sem contato com as outras [...]. São caminhos que se encontram, se fecundam, se multiplicam, proliferam”. A hibridização, nesse sentido, reforça o caráter dinâmico das culturas, sendo o sertão um espaço propício à confluência de resquícios históricos e adaptações locais.

Outro suporte teórico importante vem da obra de Raymond Williams (1979), que vê a cultura como um campo em constante mutação, no qual convivem elementos “dominantes”, “emergentes” e “residuais”. Williams entende a cultura não como um sistema fixo, mas como um processo contínuo de significação, no qual o passado e o presente dialogam constantemente. Essa concepção possibilita compreender como o mito sebastianista, mesmo sendo oriundo da tradição portuguesa do século XVI, é atualizado no contexto nordestino do século XIX e reelaborado literariamente por Suassuna no século XX.

Por fim, insere-se também na fundamentação teórica a abordagem do messianismo como fenômeno coletivo e transhistórico, que, conforme Maria Isaura Pereira de Queiroz (1965), responde a crises sociais profundas por meio de soluções simbólicas que apelam à esperança e à salvação. A figura de D. Sebastião, desaparecido em batalha e prometido como redentor, adquire no sertão nordestino uma dimensão mágica e mística, sendo reinterpretada de acordo com as necessidades, carências e crenças locais. Como destaca Oliveira Martins (2014), “os Portugueses tinham amassado com as suas lágrimas a quimera do messianismo”, e essa quimera encontrou solo fértil no Brasil, onde a religiosidade popular e a oralidade contribuíram para sua propagação e ressignificação.

Portanto, a fundamentação teórica aqui adotada permite compreender o *Romance d'A Pedra do Reino* não apenas como uma obra literária, mas como um repositório simbólico onde resíduos culturais, tradições híbridas e imaginários messiânicos se encontram e se atualizam, refletindo e recriando a identidade do povo nordestino.

METODOLOGIA:

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de abordagem qualitativa, desenvolvido a partir do método dedutivo e fundamentado em pesquisa bibliográfica, documental e histórico-literária. O objetivo metodológico consiste em investigar como o mito sebastiano, originado em Portugal após o desaparecimento de D. Sebastião na batalha de Alcácer-Quibir, foi ressignificado no sertão nordestino e incorporado à construção narrativa de *O Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta* (1971), de Ariano Suassuna.

A pesquisa bibliográfica foi realizada por meio da análise de livros, artigos científicos, dissertações e teses relacionados ao sebastianismo, ao messianismo sertanejo, à cultura popular nordestina e à literatura armorial. Para a seleção das referências, priorizaram-se estudos que abordam a permanência do imaginário sebastiano no Brasil, os movimentos messiânicos nordestinos e as relações entre literatura, memória e identidade cultural. Entre os principais referenciais utilizados encontram-se estudos históricos sobre o movimento da Pedra do Reino, pesquisas acerca do messianismo no sertão e produções críticas sobre a obra de Ariano Suassuna e o Movimento Armorial.

No âmbito documental, foram analisados registros históricos relacionados ao movimento sebastianista ocorrido em São José do Belmonte, em Pernambuco, especialmente documentos historiográficos, relatos memorialísticos e estudos sobre os acontecimentos da Pedra do Reino durante o século XIX. Esses materiais possibilitam compreender como o episódio histórico foi transformado em matéria simbólica e literária no romance de Suassuna.

A articulação entre fontes históricas e análise literária ocorre por meio de uma leitura interpretativa da narrativa, buscando identificar como elementos do sebastianismo, do imaginário messiânico e da cultura popular nordestina são reelaborados ficcionalmente pelo autor. Para isso, foram observados aspectos temáticos, simbólicos e culturais presentes na obra, tais como a representação do sertão, a construção do herói sebastianista, a presença da oralidade popular e os elementos vinculados à tradição do cordel e da xilogravura.

Desse modo, os procedimentos analíticos adotados concentram-se na interpretação crítico-literária da obra, articulada à contextualização histórica do movimento da Pedra do Reino e às discussões teóricas sobre mito, memória coletiva, identidade cultural e messianismo. A metodologia, portanto, busca compreender de que maneira Ariano Suassuna transforma acontecimentos históricos e manifestações culturais nordestinas em uma narrativa literária marcada pela valorização simbólica do sertão e pela permanência do imaginário sebástico na cultura brasileira.

ORIGENS DO SEBASTIANISMO DE PORTUGAL PARA O SERTÃO PERNAMBUCANO:

O mito sebástico tem um papel fundamental na cultura portuguesa. Sua origem está relacionada com o nascimento de D. Sebastião, príncipe ansiosamente aguardado como a única esperança para a manutenção da independência de Portugal. Como é sabido, seu avô, D. João III, teve onze filhos legítimos, dos quais apenas dois sobreviveram à infância: D. Maria, que faleceu pouco depois de dar à luz a seu filho com Felipe da Espanha, e D. João, que também morreu antes do nascimento de seu filho. Esses eventos, que resultaram na ausência de um herdeiro direto para o trono português, fizeram do príncipe espanhol Felipe, sobrinho de D. João III, o candidato mais forte à sucessão. Assim, D. Sebastião, ansiosamente esperado, tornou-se, como o descreveu Camões, a “bem nascida segurança / Da lusitana antiga liberdade”. Desde o seu nascimento, ele foi considerado o Desejado, e durante sua curta vida, muitas outras esperanças foram depositadas nele. Eduardo Lourenço, ao analisar o período de composição de *Os Lusíadas*, obra publicada em 1572, quatro anos após D. Sebastião ter sido coroado rei aos catorze anos de idade, explora essas expectativas.

Quando Camões refaz o percurso simbólico de Portugal como de um herói coletivo, destinado pela Providência a abrir os oceanos e a levar a mensagem de Cristo ao Oriente, (...) a descoberta de Gama tem quase um século e o teatro da Índia que ele freqüentará como desterrado, é menos um tablado épico que uma imensa feira que se desfaz.

A esperança de que a então evidente decadência de Portugal pudesse ser revertida foi depositada em D. Sebastião. Não apenas Camões, mas também uma série de intelectuais contemporâneos compartilham desse estado de ânimo. Assim, quando o rei desapareceu na batalha de Alcácer-Quibir, não foi apenas a existência de Portugal como reino independente que se perdeu, um fato que se consumaria dois anos depois com a morte do Cardeal D. Henrique, mas também todo um conjunto de esperanças de grandeza associadas ao rei menino. É a partir deste contexto que conseguimos entender os primórdios do mito sebástico.

Esses primórdios são descritos de forma bastante clara por Oliveira Martins em sua *História de Portugal*, livro publicado originalmente em 1879. Escolhemos essa obra não apenas por ser a primeira a tratar de forma consistente a importância do mito sebástico na história portuguesa, mas também por ser, como veremos, a principal fonte sobre a história portuguesa utilizada por Euclides da Cunha. Nessa obra, ao se referir ao início da União Ibérica, Martins afirma:

O povo, deprimido e miserável, nada confiava nem esperava dos homens: pedia tudo a Deus, e a um milagre. Como os antigos judeus da Palestina, os Portugueses tinham amassado com as suas lágrimas a quimera do messianismo. Devastada, vencida e por fim vendida, a Nação era um campo santo; os homens como sombras; as agitações messiânicas, espécie de fogos-fátuos que ondeavam no ar, suspensos na sombra da noite do infortúnio. Os Macabeus de 1580 não tinham sabido menear a espada; e o povo, perdido o sentimento, da sua realidade, como todo e como força, abandonava-se a esperar a volta do Messias - D. Sebastião, o príncipe encantador, a divina criança, que soubera aspirar para a salvação comum, que viria decerto redimir a Nação. (Martins, 2014. p. 62).

É deste período a recuperação das trovas de Bandarra⁴, o sapateiro santo, escritas originalmente por volta dos anos 20 do século XVI. Estas trovas anunciavam a chegada do Encoberto, futuro monarca de um Império Mundial Cristão, figura a partir deste momento recorrentemente associada a D. Sebastião, mito permitiu a Sebastião atingir a glória que a sua vida breve e a sua empresa louca não lhe tinham permitido conquistar, tornando-a encarnação da esperança, ao longo dos séculos, da redenção de Portugal. Assim, a lenda refugia-se na história, alimentando-se da sua substância e dando à luz um ser híbrido, dificilmente identificável, imortal.

No Brasil, ao longo do tempo, a imagem de D. Sebastião, o Encoberto, sofreu uma mudança em relação àquela que tinha no século XVII. Ele é principalmente visto como um grande rei que retornará para distribuir vastas riquezas e títulos honoríficos entre seus seguidores, em um mundo que se assemelha ao Paraíso terrestre da Bíblia. Esse deslocamento do conteúdo do mito para um foco nas vantagens materiais associadas ao retorno do Encoberto pode ser parcialmente explicado pelo fato de que os europeus que viviam no Brasil no século XIX estavam principalmente interessados em enriquecer. Além disso, a ideia de um Portugal liderando um Império Universal não fazia sentido no Brasil do século XIX, e por isso esse aspecto do mito sebastianista foi deixado de lado ao atravessar o Atlântico.

⁴ Gonçalo Annes Bandarra ou ainda, Gonçalo Anes, o Bandarra (Trancoso, 1500 – Trancoso, 1556) foi um sapateiro e profeta português, autor de Trovas messiânicas que ficaram posteriormente ligadas ao sebastianismo e ao milenarismo português. As Trovas do Bandarra influenciaram o pensamento sebastianista e messiânico de D. João de Castro, Padre António Vieira e Fernando Pessoa, entre outros.

Por fim, a figura histórica de D. Sebastião é amplamente conhecida pela maioria dos brasileiros das classes baixas principalmente do nordeste, que são justamente aquelas em que o mito encontrou maior eco. Às vezes, ele é até confundido com o santo de mesmo nome, o que contribuiu para que a história fosse passando de geração para geração até chegar no interior de Pernambuco onde ganhou uma interpretação totalmente diferente para os seguidores do grupo.

OS ACONTECIMENTOS NA PEDRA DO REI:

No Brasil, especialmente na região Nordeste, grandes movimentos messiânicos surgem de uma organização social profundamente cruel, corrupta e injusta e compartilham praticamente os mesmos princípios: reivindicações sociais, religiosas e políticas, em *Os Sertões* vemos: Visita nos vem fazer/ Nosso rei D. Sebastião./ Coitado daquele pobre/ Que estiver na lei do cão! (Os sertões, 2002, p.239).

A ansiedade pelo pleno direito da sua terra e a crença na possibilidade de melhorar a vida se mostram presentes na ideologia religiosa. Com base no que foi falado elencamos esses fatores como alguns dos motivos para a prática messiânica ser tão forte no sertão nordestino, assim como fora prometido ao povo hebreu “Portanto o Senhor mesmo vos dará um sinal: Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, e lhe chamará Emanuel. Ele comerá manteiga e mel quando souber desprezar o mal e escolher o bem” (Livro de Isaías, cap. 7. v. 14).

Nesse contexto de profecias e previsões, padres, pessoas comuns, líderes sociais e beatos são facilmente transformados em líderes messiânicos. Padre Cícero e Antônio Conselheiro são exemplos clássicos: ambos, de ampla influência, fazem parte do imaginário do povo nordestino, impregnado de um fanatismo impressionante. A frequência dos movimentos messiânicos no sertão nordestino também está associada à predominância da tradição oral naquela região. Muito da sintonia entre o líder messiânico e seus seguidores vem da desenvoltura oratória do primeiro.

O sebastianismo é, sem dúvida, uma das formas do fenômeno messiânico. Nele, vemos a presença de um forte sentimento coletivo de união e pertencimento a uma comunidade escolhida por Deus, capaz de superar a fome, a dor, o medo, a pobreza e a tragédia da vida, os sofrimentos e as injustiças, contrapondo-se a isso a esperança de uma vida melhor, cheia de felicidade, riqueza e paz. Pode ser caracterizado por dois fatores: a esperança na vinda do rei D. Sebastião, enviado divino, e a confiança em sua capacidade redentora e em seu poder de instituir o paraíso na Terra.

A crença no retorno glorioso de D. Sebastião rapidamente se disseminou entre os portugueses. D. Sebastião passou a ser visto como o monarca prometido por Bandarra, sapateiro e poeta, tido como

profeta, que predisse em suas Trovas a vinda de um rei que realizaria a unidade do Império Cristão no mundo.

Os jesuítas tiveram um papel muito importante na difusão do mito ao difundirem o sebastianismo nas colônias portuguesas. Não foi por acaso que no Brasil principalmente no nordeste se criou uma tradição sebastianista bastante original e forte.

As manifestações em grupo, com consequências trágicas, do sebastianismo no nordeste verificam-se na primeira metade do século XIX, em Pernambuco, com os episódios da Serra do Rodeador e de Pedra Bonita.

A primeira manifestação de que se tem notícia ocorreu em 1819, na Serra do Rodeador, em Bonito, interior de Pernambuco. Silvestre José dos Santos, autoproclamado profeta, após peregrinações por Alagoas, de onde foi praticamente expulso pelas autoridades locais, aproveitando-se do misticismo popular, conseguiu difundir entre os sertanejos a crença sebastianista. Pregava a volta de D. Sebastião e os milagres advindos daí. Dizia que quando o rei voltasse, seus seguidores seriam abençoados com riqueza e felicidade.

No comando da nova seita, criou uma organização religiosa chamada de Irmandade do Bom Jesus da Pedra. Os rituais eram feitos numa espécie de templo em um mocambo. Onde eram guardadas duas pequenas imagens de pedra, uma da Virgem Maria e outra de Jesus Cristo. Os fiéis se prostraram diante do mestre e confessaram-se para a santa de pedra que, segundo Silvestre, dizia que tinha poderes sobrenaturais. Silvestre José dos Santos, também conhecido como mestre Quiou⁵ Como ficou mais conhecido, ouvia as confissões e dava penitências, que eram pagas geralmente com dinheiro. Distinções e honrarias, que garantiam lugares diferenciados aos fiéis, também podiam ser combinadas na nova seita. Não se tem muita noção das práticas religiosas da Serra do Rodeador. Sabe-se apenas que as cerimônias consistiam de cantigas e rezas, e seu final era marcado com uma salva de tiros.

Durante um ano, o número de seguidores da nova seita cresceu de forma alarmante e deixou os moradores dos arredores em estado de alerta. Os sebastianistas agrupavam-se em casas cobertas

⁵ Silvestre José dos Santos, conhecido como Mestre Quiou, foi um dos líderes messiânicos ligados ao episódio histórico conhecido como Tragédia da Pedra do Reino, ocorrido em meados do século XIX, na região de São José do Belmonte (PE). O movimento, de caráter sebastianista, reunia sertanejos que acreditavam no retorno de D. Sebastião, rei português desaparecido na batalha de Alcácer-Quibir (1578), para instaurar um reino de justiça no sertão. As pregações de Mestre Quiou atraíram numerosos seguidores e culminaram em episódios de fanatismo e violência, reprimidos duramente pelas forças oficiais. Este acontecimento inspirou o escritor Ariano Suassuna na criação de seu *Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta* (1971), no qual reinterpreta o mito sebastianista e a tragédia popular sob uma perspectiva literária e simbólica.

de palha, numa espécie de arraial, e já se organizavam como comunidade independente, com leis próprias.

O movimento que se instalou na Pedra do Reino foi um movimento de fundamento sebastianista que aconteceu na chamada Serra do Reino, junto a duas pedras paralelas com mais de trinta metros de altura que existem no município de São José do Belmonte, em Pernambuco.

No século XIX, em 1836, um sertanejo religioso e astucioso chamado João Antônio dos Santos apareceu naquela cidade mostrando duas pedrinhas brilhantes que diziam serem diamantes da melhor qualidade. Ele afirmava ter encontrado essas pedras numa lagoa encantada, junto a duas grandes pedras próximas dali. João Antônio dizia também que teve uma visão na qual D. Sebastião, rei de Portugal, havia revelado que aquelas duas pedras eram as torres de uma catedral encantada. Armado com um folheto, ele contava a vida e a morte de D. Sebastião, seu misterioso desaparecimento na batalha de Alcácer-Quibir e sua esperada ressurreição. Percorrendo toda a zona de Flores, Piancó, Cariri, Riacho do Navio e margens do São Francisco com suas pregações, ele começou a criar um movimento religioso e político em torno das duas pedras. O número de seguidores cresceu, deixando as autoridades locais inquietas, e um padre foi enviado para convencê-lo a partir para o sertão do Ceará.

Cerca de dois anos após a partida de João Antônio, seu cunhado, João Ferreira, retomou as pregações com maior vigor e se autoproclamou rei. Mais violento que João Antônio, João Ferreira liderou os trágicos acontecimentos da Pedra do Reino.

João Ferreira afirmava que D. Sebastião também lhe apareceu em sonho, confirmando que as duas pedras eram realmente as torres de uma catedral que se desencantava quando as bases das pedras fossem banhadas com sangue. Ele prometia que D. Sebastião surgiria com toda a sua corte e operaria milagres, recompensando quem se sacrificasse com riqueza, poder e imortalidade: os pretos ressuscitariam brancos; os feios, bonitos; os velhos, jovens.

Com a promessa de fortuna e imortalidade, João Ferreira logo reuniu numerosos fiéis, formando uma espécie de povoado em volta das duas pedras, chamado Pedra do Reino ou Reino Encantado de Pedra Bonita. Estabeleceu-se um sistema organizacional religioso que beneficiava a família do rei João Ferreira, incluindo seu pai, sua mulher Josefa, e os irmãos dela, Pedro e Isabel. Frei Simão, que conduzia os rituais religiosos, também gozava de privilégios.

SOBRE A HIBRIDIZAÇÃO E MENTALIDADE:

Quando nos voltamos para a palavra cultura devemos entender sua origem e significado no mundo segundo Raymond Williams:

A complexidade de uma cultura se encontra não apenas em seus processos variáveis e suas definições sociais tradições, instituições e formações, mas também nas inter-relações dinâmicas, em todos os pontos do processo, de elementos historicamente variados e variáveis. (Williams, 1979, p.124).

A cultura não é um ser estático ela se encontra em constante mudança e movimentação, assim se mesclando e se transformando em algo novo, entretanto sempre haverá uma ligação com um passado, uma conexão, um resíduo com o mundo antigo que faz parte de uma sociedade moderna.

A ligação com o passado ocorre de forma natural e inerente ao ser humano quando estamos inseridos em um ambiente que propicia o olhar para o passado seja ele por saudosismo ou necessidade de uma salvação o homem acaba se voltando para o seu passado não de forma fria e sem vida mas sim de um modo vivo, ativo e criativo que cria toda uma nova significação para a sua realidade. Segundo Pontes:

O resíduo é aquilo que resta de alguma cultura. Mas não está como material morto. Resta como material que tem vida, porque continua a ser valorizado e vai infundir vida numa obra nova. Essa é a grande importância do resíduo e da residualidade. Não é reanimar um cadáver da cultura grega, da cultura medieval, e venerá-lo num culto obtuso de exaltação do antigo, do morto, promovendo o retorno ao passado, valorizando a melancolia e a saudade, como fizeram os portugueses durante a fase do Saudosismo literário; não é isso. A gente apanha aquele remanescente dotado de força viva e constrói uma nova obra com mais força ainda, na temática e na forma. É aí que se dá o processo da cristalização. Não posso dizer onde começa nem onde termina a cristalização (Pontes, 2006, p.09).

Analisando todos os acontecimentos na Pedra do Rei compreendemos que aconteceu uma hibridização cultural naquele lugar, a mítica sebástica que se originou em Portugal séculos antes chegou em Pernambuco por meio do cordel e foi aceita por uma parte pequena da população, a hibridização cultural acontece quando duas culturas convergem para uma crença ou prática comum, isso nos mostra que as culturas não andam separadas e sim andam juntas uma contribuindo para o processo de formação da outra. Segundo Pontes:

Então, a gente começa a pensar no resíduo, naquilo que remanesce das culturas várias. Mas nós pensamos concomitantemente, na hibridação de culturas. E o que vem a ser hibridação cultural? Este é um conceito que acompanha o de residualidade. Hibridação cultural é expressão usada para explicar que as culturas não andam cada qual por um caminho, sem contato com as outras. Ou

seja, não percorrem veredas que vão numa única direção. São rumos convergentes. São caminhos que se encontram, se fecundam, se multiplicam, proliferam. A hibridação cultural se nutre do conceito de hibridismo comum à mitologia. Que é um ser híbrido? É aquele composto de materiais de natureza diversa. (Pontes, 2006, p. 05-06).

A hibridização cultural resultante desse processo é evidente nas manifestações populares, como as trovas, procissões e o cordel, que mesclam elementos antigos com novos contextos, mantendo vivo o mito sebastico. Ao investigar a Pedra do Reino em São José do Belmonte, Pernambuco, observamos como essa hibridização cultural se manifesta na prática, reforçando a interconexão dinâmica entre passado e presente, contribuindo para a formação da identidade cultural e social de um povo.

Veremos como os aspectos comportamentais e vivos de uma população que se encontrava em isolamento geográfico contribuíram para que o mito de D. Sebastião ganhasse não apenas força, mas seguidores que estavam dispostos a morrer por sua crença, que mais tarde seria recontada.

Vemos que o processo da construção de mentalidade e a cristalização vem ao decorrer do tempo assim se adaptando e agregando aspectos de ambas as culturas segundo Pontes:

O resíduo é dotado de extremo vigor. Não, se confunde com o antigo. É expressão surgida com a força do novo porque é uma cristalização. É algo que se transforma; como o mineral bruto tomado joia na lapidação. Aí caímos no conceito de cristalização. (Pontes, 2006, p.08).

Com base no vigor trazido pelo resíduo da mística sebastica identificamos a transformação do contexto social dentro do assentamento aos pés da pedra, transformação essa que se cristaliza dentro daquela sociedade ganhando espaço e força. A cristalização acabou por solidificar o mito no sertão pernambucano fazendo com que a população construísse uma seita em meio a caatinga esperando a volta de D. Sebastião.

IMPACTOS NA REALIDADE:

Quando entendemos os conceitos de mentalidade e cristalização vemos que o pensamento vai transformando o seu entorno com base no que lhe foi imposto durante anos e às vezes séculos como visto nos relatos de, Von Martius e Spix, dão testemunhos de seita sebastianista numa Minas Gerais de 1817:

O porte de nosso distinto hospedeiro, homem grisalho, era tanto solene, e, involuntariamente, nos fazia lembrar os quakers. De fato, ele era também um dos adeptos do sebastianismo, que estão sempre à espera do Rei D. Sebastião, morto na batalha de Alcácer-Quibir, contra os mouros, e com isto a volta da mais gloriosa época do reino de Portugal. Estes sebastianistas, que se

distinguem por sua atividade, economia e riqueza, são em número maior no Brasil, e, especialmente em Minas Gerais, que na pátria-mãe. (Spix e Martius, 1938, p.370).

Vemos uma crença quase inquestionável ao mito sebástico onde D. Sebastião se mostra como um ser divino dotado de poderes e dons sobrenaturais, tudo isso é passado para os habitantes quase que de um modo natural onde a lenda vem ganhando força e credibilidade entre os seguidores.

Em solo brasileiro o mito sofreu com as influências locais que serviram para adaptar o mito às condições culturais e geográficas do sertão. Vemos a questão da distribuição da riqueza como um dos focos centrais do mito, um pouco diferente de Portugal onde o foco era um império cristão mundial. Cabe-se dizer que nos locais onde aconteceram as revoltas sebastianas antes dos “profetas” de D. Sebastião chegarem o mito era quase que desconhecido por parte da população nativa assim trazendo um ar de novidade e libertação do sofrimento que por muitas vezes supera gerações, segundo Oliveira:

O lugar geográfico ou social identificado como sertão acompanha este caminho, que recebe ora uma avaliação positiva, ora negativa. As definições do sertão fazem referência a traços geográficos, demográficos e culturais: região agreste, semiárido, longe do litoral, distante das povoações ou de terras cultivadas, pouco povoadas e onde predominam tradições e costumes antigos. A força de seu habitante aparece relacionada à capacidade de interagir com a natureza múltipla. O cabra – o cangaceiro – aparece com a encarnação do herói sertanejo. Para além desses atributos, aparece no imaginário social a idéia de que não há um sertão, mas muitos sertões, e que o sertão pode e deve ser tomado como metáfora do Brasil. (Oliveira, 2000, p. 70).

O movimento chamado Cidade do Paraíso Terrestre está inserido na tradição sebastianista. Sua origem remonta a um ex-soldado, Silvestre José dos Santos, conhecido como o Profeta. Por volta de 1817, ele se estabeleceu no estado de Pernambuco, acompanhado por cerca de 400 seguidores, em uma aldeia que nomeou de Cidade do Paraíso Terrestre. Nesse local, construiu uma capela próxima a uma pedra “encantada” que, segundo ele, lhe falava e que somente ele conseguia ouvir. Silvestre afirmava que o rei D. Sebastião emergiria desse local com seu exército e distribuiria grandes riquezas aos adeptos, que se tornaram imortais e invisíveis em caso de ataque. Em 1820, ocorreu um ataque, pois o governador do estado considerava o movimento uma conspiração contra o governo. A maioria dos adeptos foi massacrada.

No mesmo estado de Pernambuco, por volta de 1836, surgiu um místico chamado João Antônio dos Santos, que proclamava o fim do “encantamento” do rei D. Sebastião e seu retorno para distribuir riquezas aos seguidores. O número de adeptos cresceu significativamente, muitos deixando de trabalhar para seguir o profeta. As autoridades religiosas conseguiram persuadir João Antônio a deixar a região, mas dois anos depois, seu cunhado, João Ferreira, assumiu seu lugar, acrescentando

mais detalhes sobre o que chamava de Reino Encantado. Ele afirmava que duas enormes pedras constituíam a entrada desse reino, e que o rei D. Sebastião apareceria ali com toda a sua corte no momento exato do desencanto. Como o desencanto demorava a ocorrer, Ferreira explicava que era necessário derramar muito sangue para que acontecesse. De qualquer forma, as pessoas sacrificadas seriam ressuscitadas por Sebastião, tornando-se brancas se eram negras, imortais, ricas, poderosas e jovens.

TRANSFORMAÇÃO DO REAL PARA O LITERÁRIO:

Para Suassuna o sertão era um lugar místico, entocado e além do tempo observamos esse ar de atemporalidade nos textos de Suassuna como em Quaderna em relação ao seu reino:

Assim, aos poucos, ia se formando no meu sangue o projeto de eu mesmo erguer, de novo, poeticamente, meu Castelo pedregoso e amuralhado. Tirando daqui e dali, juntando o que acontecera com o que ia sonhando, terminaria com um Castelo afortalezado, de pedra, com as duas torres centradas no coração de meu Império. Este, espinhosos e meio a desertado, era integrado astrologicamente por sete Ramos: o dos Cariris Velhos, o da Espinhara, o do Seridó, o do Pajeú, o de Canudos, o dos Cariris Novos e o do Sertão de Ipanema. Era o Quinto Império, profetizado por tantos Profetas brasileiros e sertanejos, e cortado por sete Rios sagrados: o São Francisco Moxotó, o Vaza-Barris, o Ipanema, o Pajeú, o Taperóia-Paraíba, o Piancó Piranhas e o Jaguaribe. Ali eu reergueria, sem perigo de vida, as Torres de lajedo do meu Castelo, para que ele me servisse de trono, de pedra-de-ara, de ninho de gaviões, onde eu pudesse respirar os ares das grandes alturas. Seria um Reino literário, poderoso e sertanejo, um Marco, uma Obra cheia de estradas empoeiradas, caatingas e tabuleiros espinhosos, serras e serrotes pedreguentos, cruzada por Vaqueiros e Cangaceiros, que disputavam belas mulheres, montados a cavalo e vestidos de armaduras de couro. Um Reino varrido a cada instante pelo sopro sangrento do infortúnio, dos amores desventuras, poéticos e sensuais, e, ao mesmo tempo, pelo riso violento e desembandeirado, pelo pipocar dos rifles estralando guerras, vinditas e emboscadas, ao tropel dos cascos de cavalo, tudo isso batido pelas duas ventanias guerreiras do Sertão: o cariri, vento frio e áspero das noites de serra, e o espinhara, vento queimoso e abrasador das tardes incendiadas. Nas serras, nas caatingas e nas estradas, apareciam as partes cangaceiras e bandeirosas da história, guardando-se as partes da galhofa e estradeirice para os pátios, cozinhas e veredas, e as partes do amor e safadeza para os quartos e camarinhas do Castelo que era o Marco central do Reino inteiro. (Suassuna, 2007, p. 115-116).

O sertão mostrado ao mundo por Suassuna é o sertão árido, repleto de cactos, com pouca ou nenhuma água, mas cheio de vida e esperança. Um sertão onde o místico está completamente integrado com a realidade da população, cheio de rezadeiras, beatos, padres e seres do folclore local. Suassuna faz uma inversão dos padrões de beleza e estética de sua época onde o sertão era considerado feio entretanto o autor mostrou a beleza do lugar, como afirma Suassuna:

Muitas vezes já me aconteceu isso, quando nas tardes de muito sol, estou, por acaso, em cima do meu lajedo. Estou ali, em cima, olhando o Mundo sertanejo, fosco e empoeirado, porém já se animando de uma Coroa gloriosa que o Ouro do sol-poente vai lhe emprestando. Se, nesse momento, sucede passar por ali um Cigano, montado num cavalo cujos arreios estão enfeitados de moedas e medalhas, e o Sol começa a tirar faíscas nesses metais ou nas malacachetas incrustadas nas pedras, na mesma hora dá-se, em mim, uma “viração”; meu sangue e minha cabeça se incendeiam, e a realidade parda e afoscada se funde ao fogo do Sol e dos diamantes do sonho. O Sertão selvagem, duro e pedregoso vira o “Reino da Pedra do Reino”, e enche-se de Condes calamitosos e Princesas encantadas, eles vestidos de Pares de França das Cavalhadas, e elas de rainhas do Auto dos Guerreiros. O pobre “tabuleiro sertanejo” vira uma enorme Mesa de Baralho, dourada pelo Sol glorioso e ardente. (Suassuna, 2007, p. 564-565).

A intenção de Suassuna em divulgar a estranheza do maravilhoso é um dos artifícios que servem como base para a representação do sertão no Romance d’A Pedra do Reino. O efeito de encantamento e de um ar místico desse espaço é construído pela visão que o próprio escritor tem do mundo, da vida, da morte e do homem. Assim, o sertão adquire a característica de um espaço místico, onde a representação é delineada pela ideia de um reino.

Além disso, essa noção de reino reforça o caráter único da elaboração discursiva de Ariano Suassuna, uma vez que essa metáfora condensa a essência da heterotopia: a existência de uma ordem distinta dentro de uma ordem pré-existente. Baseada na tradição, a visão do autor busca negar a ordem histórica do processo de colonização e modernização, construindo à parte um sertão que se eleva como reino pela valorização dos elementos tradicionais em um processo de recriação armorial onde vemos que o passado permanece cristalizado na mente do povo como um resíduo de outrora mesmo que de forma inconsciente.

Curiosamente, o caminho para a reinvenção cultural passa pela tradição. Respirando através dela, o sertão, mesmo massacrado pelo sistema, é capaz de conviver e sobreviver a ele, criando sua própria ordem: a ordem do maravilhoso sustentada por pilares aristocráticos. Na representação do autor, o sertão se apresenta ora como reino encantado, ora como seu desejado espaço aristocrático, ou seja, uma ordem ancestral recomposta pelo menos literariamente onde o passado encontra se preservado na memória de sua população, que posteriormente nos traz toda uma mística do medieval sebastica em tempos modernos onde a ligação com o passado se faz necessária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Para concluir, é fundamental reconhecer a importância do messianismo sebastianista e sua influência no imaginário cultural e social do sertão nordestino. A lenda de D. Sebastião, e a subsequente cristalização de sua mística, exemplificam como resquícios culturais do passado podem se transformar e se adaptar às necessidades de uma nova realidade, mantendo-se vivos e dinâmicos.

A análise do *Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta* e do movimento sebastianista em Pernambuco demonstra a persistência e a adaptabilidade de mitos antigos em contextos modernos, evidenciando a hibridização cultural resultante do encontro entre tradições distintas. Este processo de hibridização não só mantém vivo o passado, mas também contribui para a formação de uma nova identidade cultural, enriquecida pela fusão de diferentes elementos históricos e culturais.

A visão de Ariano Suassuna, ao retratar o sertão como um espaço maravilhoso e enfatizar a ideia de um reino encantado, reflete uma tentativa de valorizar os elementos tradicionais dentro de um contexto literário moderno. Sua obra, portanto, não apenas celebra a cultura regional, mas também critica a modernização, propondo uma nova ordem baseada na tradição e na recriação cultural.

Em suma, o estudo do sebastianismo e do *Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta* revela a complexidade das interações culturais e a maneira como mitos e tradições são constantemente reinterpretados para atender às necessidades de cada época. Esse fenômeno da residualidade cultural e literária, onde o passado se entrelaça com o presente, reforça a importância de compreender e valorizar a herança cultural como um elemento vivo e transformador da sociedade.

Tentar compreender o fenômeno do messianismo, especialmente aquele ocorrido em Portugal e personificado na figura lendária de D. Sebastião, é uma tentativa de entender a história dos povos ocidentais. Isso se deve, principalmente, à cultura da esperança e da expectativa de um messias, profundamente enraizada na tradição judaico-cristã. Além disso, a ideia de um retorno messiânico precede o cristianismo, remontando ao paganismo greco-romano, que já nutria a esperança de um retorno à Idade de Ouro, possível com o advento de uma criança destinada a ser o marco de uma Nova Era.

Portanto, fica evidente que o messianismo existia antes do cristianismo, assim como o messianismo sebastianista em Portugal antecede a figura de D. Sebastião. Observamos ainda a intensidade do sebastianismo brasileiro na primeira e segunda metade do século XIX, um culto profundamente enraizado na nossa realidade, a ponto de provocar episódios de violência tanto oficial quanto entre messianistas folclóricos. Esses crentes, movidos pela fé, demonstravam força e resistência na defesa individual e coletiva de seu grupo. Compreender o messianismo sebastianista na nossa história é uma tentativa de entender a nossa própria realidade de esperança e fé, bem como a formação do povo brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AZEVEDO, José Lúcio de. **A evolução do sebastianismo**. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1947.

BARROS, José D'Assunção. **História, espaço e tempo: interações necessárias**. Varia hist.[online]. 2006, vol.22, n.36, pp.460-475. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/vh/v22n36/v22n36a12.pdf>> . Acesso em: 19 maio 2024.

BÍBLIA. Português. Bíblia Online: Almeida Corrigida Fiel. Curitiba: Bíblia Online, [s.d.]. Disponível em: <<https://www.bibliaonline.com.br/>> . Acesso em: 26 Novembro. 2025.

CARIRY, Rosemberg & BARROSO, Oswald. **Cultura insubmissa (estudos e reportagens)**. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1982.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**, Record, 2002.

DIAS, Alexandre Alves. **A Serra do Rodeador e a irmandade do Senhor Bom Jesus da Pedra**. Em Suplemento Cultural. Recife: CEPE/Companhia Editora de Pernambuco, out/nov 97, pp. 26.

HERMANN, Jaqueline. **No reino do desejado: a construção do sebastianismo em Portugal (séculos XVI e XVII)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LER ATÉ AMANHECER. O SEBASTIANISMO NA PEDRA DO REINO - SERTÃO DE PERNAMBUCO (1838). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jo9EttAaOV0>> . Acesso em: 26 Novembro. 2025.

LEITE, Antônio Ático de Souza. **Memória sobre a Pedra Bonita ou o Reino Encantado**. Recife: Revista do Instituto Archeológico e Geographico de Pernambuco, vol. XI, 1903-1904.

MARTINS, Jossefrania Vieira. **O reino encantado do sertão: uma crítica da produção e do fechamento da representação do sertão no romance de Ariano Suassuna**. Dissertação de Mestrado em História Natal/RN: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/16956/1/JossefraniaVM_DISSERT.pdf> . Acesso em: 17 Novembro. 2025.

MARTINS, Joaquim Pedro de Oliveira. **História de Portugal**. [s.l.] Edições Vercial, 2014.

O MASSACRE DA PEDRA DO REINO. DOCUMENTÁRIO: O MASSACRE DA PEDRA DO REINO. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ddYts6vV114>> . Acesso em: 30 Dezembro. 2025.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **A conquista do espaço: sertão e fronteira no pensamento brasileiro**. In: _____. **Americanos: representações da identidade nacional no Brasil e nos Estados Unidos**. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2000.

PAZ E BEM. A Pedra e o Reino, massacres no sertão de Pernambuco - Retalhos da Nossa História Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KLWQZ0qyY_I&t=4s> . Acesso em: 28 Dezembro. 2025.

PONTES, Roberto. “Entrevista sobre a Teoria da Residualidade, com Roberto Pontes, concedida a Rubenita Moreira, em 05/06/2006”. Fortaleza: (mimeografado), 2006. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/340101007/>> Entrevista-Sobre-Residualidade. Acesso em 21 Dezembro 2025.

PONTES, Roberto. “Lindes Disciplinares da Teoria da Residualidade”. Fortaleza: (mimeografado), s/d. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/340101295/Lindes-Teoricas-Da-Teoria-DaResidualidade>> . Acesso em 20 Dezembro 2025.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O messianismo no Brasil e no mundo**. São Paulo: Dominus Editora, 1965.

REGO, José Lins do. **Pedra Bonita**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1973.

SPIX, J. B. e MARTIUS, C.F. Trad. Lúcia Furquim Lahmeyier. **Viagem pelo Brasil**. São Paulo: Edusp, 1981.

SUASSUNA, Ariano. **Ao Sol da Prosa Brasileira. Depoimento. Cadernos de Literatura Brasileira nº 10: Ariano Suassuna**. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2000.

SUASSUNA, Ariano. **Romance da Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.

VALENTE, Waldemar. **Misticismo e região (aspectos do sebastianismo nordestino)**. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1963.

VIDA DE MOCHILA. A TRAGÉDIA que virou ROMANCE: Pedra do Reino, Documentário completo. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=b-zSc0N1bEM&t=209s> >. Acesso em: 28 Dezembro 2025.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Materialismo**. Tradução de André Glaser. São Paulo: Editora Unesp, 2011(1981).

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1979.